PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
Faculdade de Psicologia

Yara Maria de Campos

**LUTO, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE:
Contribuições da psicologia fenomenológica-existencial**

Belo Horizonte
2023

Yara Maria de Campos

LUTO, RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE

Contribuições da psicologia fenomenológica-existencial

Projeto apresentado no Programa de Iniciação Científica, no curso de Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

Número do Projeto: Edital 093/2021

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Frank Silva Kaitel

Natureza do projeto: Programa Bolsa a Iniciação Científica e Tecnológica Institucional da FAPEMIG (PIBIC-FAPEMIG)

Belo Horizonte

2023

INTRODUÇÃO

O luto está presente desde os primórdios de nossa história, visto que a morte sempre foi uma realidade com a qual as sociedades humanas tiveram que conviver. Entre diferenças e semelhanças, ritos fúnebres e cerimônias de despedida foram sendo desenvolvidos dentro dos contextos culturais de cada região e o fenômeno do luto experimentado dentro destes cenários. Na cultura ocidental e no Brasil, tais práticas se modificaram com o passar do tempo, mantendo, contudo, alguns aspectos tradicionais.

Apesar do tema sobre luto não ser uma novidade, a pandemia provocada pelo avanço do vírus Covid-19 intensificou o debate, visto que o mundo experimentou as exigências de lidar com a morte cada vez mais de perto. Tendo o número de mortes ultrapassado os 600 mil, o Brasil foi retrato de uma população enlutada, buscando lidar com suas perdas.

Partindo de pressupostos teóricos da psicologia existencial, a espiritualidade e religiosidade se apresentam como constituintes da vivência do fenômeno e também como caminho possível de transcendência das experiências de luto, permitindo aos sujeitos darem novos significados às suas vivências. Nesse sentido, a presente pesquisa buscou responder a pergunta: Qual a relação da espiritualidade e religiosidade com a vivência do luto de pessoas que perderam seus entes queridos pela Covid-19?

Seguindo o método fenomenológico, foram realizadas entrevistas temáticas e análise fenomenológica de dados e informações, para assim atingir o objetivo de compreender a relação da espiritualidade e religiosidade com a vivência do luto de pessoas que perderam seus entes queridos pela Covid-19, analisando a literatura fenomenológica existente em produções acadêmicas dos últimos cinco anos sobre luto, espiritualidade e religiosidade, coletando dados junto a pessoas que experimentaram o fenômeno do luto durante a pandemia de Covid-19 e analisando declarações significativas a partir de grupos de significados.

A ideia desse projeto de pesquisa partiu do nosso interesse de compreender diferentes vivências que as pessoas possuem acerca da morte. Crescemos rodeados de perguntas sobre o futuro, como “o que você quer ser quando crescer”,

mas também indagações quanto aos nossos medos. Sejam eles quais forem, as discussões em nossas experiências com parentes e amigos muitas vezes chegavam ao medo da morte: “você tem medo de morrer?”, “como você acha que vai morrer?”, “quem você mais tem medo de perder?”. Retomando essas lembranças, chegaram à memória nossas experiências de luto no seio familiar onde a espiritualidade e religiosidade foram cruciais para determinar as maneiras pelas quais pudemos vivenciar as nossas perdas. Tal pensamento redirecionou nosso interesse para o tema do luto, espiritualidade e religiosidade.

Para além de nossos interesses pessoais, o contexto pandêmico iniciado no Brasil no começo do ano 2020, justifica a necessidade de pesquisa sobre o tema, visto que, de acordo com o terceiro princípio do Código de Ética Profissional do Psicólogo, o psicólogo deve atuar “com responsabilidade social analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural” (CFP, 2005, p.7). Nesse sentido, ao escolher o tema, essa pesquisa se compromete em trazer debates pautados na realidade atual em que vivemos. Em um artigo de 2011, Santos e Sales afirmam “fala-se constantemente da morte do outro, anunciada nos jornais, nas rádios, ou mesmo nas esquinas de nosso mundo; porém sempre se fala nela na terceira pessoa” (SANTOS; SALES, 2011, p.5), essa afirmação se intensificou em nosso contexto atual, pois tais notícias aumentaram abruptamente, devido ao grande número de mortes diárias por Covid-19. Contudo, falar do luto em primeira pessoa se tornou mais frequente, pois a morte deixou de ser um fenômeno aparentemente distante para bater à porta de vários entes queridos em um curto espaço de tempo.

Trazer o tema da espiritualidade e religiosidade para o debate sobre o luto se justifica pela crescente discussão do tema no contexto acadêmico, cenário este onde a legitimidade científica de pesquisas sobre o tema foram muitas vezes questionadas, mas que tem tomado arcabouços teóricos na busca de compreender os atravessamentos das espiritualidade e religiosidade nos modos de existir (ESPERANDIO, 2020). Autores como Viktor Frankl (1905-1997), criador da Logoterapia, já reconheciam tais questões em suas teorias

[...] a espiritualidade e a religiosidade tornam-se questões reconhecidamente humanas para a Análise Existencial e para Logoterapia
[...] a relação com a instância do absoluto abre-se como uma categoria

ontológica da antropologia frankliana, e é exatamente por um viés filosófico e psicológico que tal diálogo é reconhecido e possibilitado. (NETO, 2013, p. 227-228)

Atualmente, autores como Santos e Sales (2011), Neto (2013), Aquino (2020) ampliam o debate acerca da espiritualidade e religiosidade na perspectiva frankliana e outros como Holanda (2017) dialogam sobre fenomenologia e psicologia da religião. O campo de estudos não se finda nesses filtros de pesquisa, ao fazer uma busca com as palavras chaves espiritualidade e religiosidade na plataforma de periódicos do CAPES, por exemplo, é possível encontrar mais de quatrocentos escritos sobre o tema, dentro do campo de pesquisa em psicologia.

Apesar da discussão ser ampla e atual, percebemos ao realizar a busca por publicações entre os anos de 2019 e 2021, época da pandemia, que não se encontram resultados que façam a interface com a psicologia fenomenológica. A partir desses dados, a presente pesquisa visa ampliar a produção acerca da realidade pandêmica diante do cenário social onde o luto, a espiritualidade e a religiosidade se fazem presentes.

A fenomenologia foi a escolha metodológica para a realização da pesquisa pois, além de permitir uma análise qualitativa, apresenta características de humanização importantes quando se trata de temas que envolvem o luto.

[...] a fenomenologia existencial, com sua abordagem de procurar compreender o outro em sua facticidade, não buscando apenas explicar o fenômeno, as generalizações e os princípios da situação apresentada, aproxima-se da tendência atual da saúde, que busca ações humanizadas na assistência ao ser humano. (SANTOS E SALES, 2011, p. 216)

Tal prática, torna a pesquisa mais pertinente socialmente, visto que busca dar voz àqueles que experimentaram o fenômeno e contribui para a compreensão do tema apresentado através de descrições dos próprios sujeitos, não procurando objetivar elaborações, mas chegar na essência dos fenômenos ao passo que busca perceber o que há de comum em diferentes vivências.

Breve histórico sobre a morte e o luto na cultura ocidental e brasileira

Falar de luto, é em primeiro lugar, falar do morrer. O modo com que culturas concebem a morte impacta diretamente na forma com que as pessoas

experimentam o luto. Portanto, se faz necessário contextualizar este tema, retomando aspectos históricos da visão de morte na Cultura Ocidental com os devidos recortes de experiências no Brasil.

É possível compreender parcialmente a construção da idéia de morte que se tem hoje a partir do livro História da Morte no Ocidente Desde a Idade Média, escrito por Philippe Ariès, em 1989. Inserindo a arte e a literatura em sua análise, Ariès apresenta momentos em que a morte foi vista como algo natural, anunciado e predito, onde a preocupação estava ligada à morte de si. Esse período é denominado pelo autor de Morte Domada. Porém, um exagero no luto do século XIX demonstra uma mudança nos significados. “Os sobreviventes aceitam com mais dificuldade a morte do outro do que o faziam anteriormente. A morte temida não é mais a própria morte, mas a morte do outro” (ARIÈS, 1989, p. 73-74). Tal mudança pode ser demonstrada até mesmo nas novas formas de se construir túmulos, jazigos e testamentos.

Na segunda metade do século XIX, há uma mudança abrupta, apresentada como Morte Interdita “A morte, tão presente no passado, de tão familiar, vai se apagar e desaparecer. Torna-se vergonhosa e objeto de interdição” (ARIÈS, 1989, p. 84), ou seja, a morte predita, anunciada e até mesmo presente na literatura em diversos nuances, passa a ser vista como algo negativo, ao ponto de os familiares evitarem contar ao próprio moribundo a gravidade de sua situação de saúde e, ainda mais delicado

[...] evitar não mais ao moribundo, mas à sociedade, mesmo aos que o cercam, a perturbação e a emoção excessivamente fortes, insuportáveis, causadas pela fealdade da agonia e pela simples presença da morte em plena vida feliz, pois, a partir de então, admite-se que a vida é sempre feliz, ou deve sempre aparentá-lo. (ARIÈS, 1898, p.85)

Outras mudanças começam a surgir, como a redução dos ritos fúnebres em decorrência também do surgimento dos hospitais, o que permitiu o deslocamento do local da morte. Fazendo um recorte da vivência no Brasil, a dissertação de Alves (2016) demonstra que essa mudança se estendeu a ponto de, em 2015, os números de mortes domiciliares na cidade Crato/CE, representarem apenas 24% das ocorrências, quando o número de mortes nos hospitais compõem 67% dos registros (ALVES, 2016, p. 51). Corroborando com o que fora exposto, Alves ainda afirma que

"muitas práticas tradicionais vêm sumindo do processo moderno e contemporâneo da morte e do morrer. Um exemplo são as cartas de condolências que eram enviadas aos familiares e o trajar o luto é algo mais discreto." (ALVES, 2016, p.51)

No século XX as mudanças avançam e a morte passa a ser um tabu, dificultando ainda mais o luto de ser manifesto. Nas palavras de Ariès,

A necessidade de felicidade, o dever moral e a obrigação social de contribuir para a felicidade coletiva, evitando toda causa de tristeza ou aborrecimento, mantendo um ar de estar sempre feliz, mesmo se estamos no fundo da depressão. Demonstrando algum sinal de tristeza, peca-se contra a felicidade, que é posta em questão, e a sociedade arrisca-se, então, a perder sua razão de ser. (Ariès, 1989, p.89)

A obrigação de ser feliz, mais tarde, atrelou-se à premissa do ser produtivo. A pós modernidade, inebriada pelo neoliberalismo, busca cada vez mais pessoas ativas, produtivas e resolutas, o que dificulta ainda mais a possibilidade de espaços para manifestação do tempo de luto já que "a negação do luto ocorre por meio de práticas sociais tais como, por exemplo, a imposição da volta ao trabalho após sete dias, como se houvesse um período pré-determinado para a passagem por esse processo" (FREITAS, 2013, p.98).

Nessa mesma lógica, Alves (2016) apresenta o mercado da morte no Crato/CE, visto que, cada vez mais, as empresas funerárias se apropriam dos rituais de despedida fazendo com que a morte seja catalogada (ALVES, 2016, p.52). Em relatos advindos de outra região do Brasil, o Rio de Janeiro, Maués (2006) conversa com essa questão ao apresentar uma estetização da morte, na busca do que chamam de boa morte, ou morte bela, pacífica (MAUÉS, 2006, p. 354). Nestes dois casos, é central o papel do ente que fica para tratar do funeral e que, ao passo que se apresenta em um papel ativo na resolução das pendências, se encontra enlutado.

O luto no contexto da Pandemia de Covid-19

Em 11 de março de 2020 a página da UNA-SUS (Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde) publica um informe com o título "Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus". Nesse momento, o mundo todo volta seu olhar ao vírus até então desconhecido que, ao final de 2019, surge na cidade de

Wuhan na China. Em um espaço curto de tempo, o vírus se dissemina e a morte é anunciada nos jornais, revistas e demais veículos de mídias digitais diariamente.

O vírus avançou rapidamente e a morte passou a ser um fenômeno experimentado cada vez mais de perto. De acordo com o Ministério da Saúde, em um site destinado exclusivamente para dados da pandemia, em julho de 2021, os óbitos pela Covid-19 ultrapassaram o número de 530 mil, sendo 194.949 registrados apenas no ano de 2020 (BRASIL,2021). A nível de comparação, o ano de 2020 registrou 50.033 mortes por homicídio (BBC,2021) e 34.000 mortes em acidentes de trânsito (ESTADÃO,2020), que embora sejam números elevados, já foram ultrapassados pelo Coronavírus, gerando um número ainda maior de famílias enlutadas.

Diante o fenômeno pandêmico, é possível acompanhar relatos de famílias enlutadas pelos jornais e até mesmo relatos de quem escreve e compartilha de seus sentimentos. Chiamamanda Ngozi Adichie é uma dessas pessoas. Em seu livro “Notas Sobre o Luto”, publicado em abril de 2021 e traduzido para o português, ela conta sobre sua experiência de luto após a morte do pai “Como é possível o mundo seguir adiante, inspirar e expirar de modo idêntico, enquanto dentro da minha alma tudo se desintegrou de forma permanente?” (ADICHE, 2021, p. 13). O relato da autora demonstra uma dentre os diversos questionamentos possíveis quando um ente querido falece e que remetem a reflexões acerca da própria vivência.

No Brasil, o site da Folha de São Paulo (2021) abriu espaço para que pessoas que perderam seus familiares falassem de suas experiências e ao longo dos relatos é possível visualizar o retrato dos ritos de despedidas ao longo da pandemia, como conta Olivera “essa doença mata e não nos dá nem a chance de velar nossos parentes”, Prudente “não consegui ver minha mãe pela última vez, não pude me despedir, não pude cuidar dela, não pude sequer ir ao enterro”, Leal “acompanhei o funeral do meu pai por chamada de vídeo”, dentre outros. Ou seja, o atual cenário alterou mais uma vez, ainda que temporariamente, a forma de vivenciar a despedida e os ritos fúnebres, o que, segundo Dantas et. al., 2020, pode dificultar a elaboração do luto.

Tendo em vista esta realidade, a Fundação Oswaldo Cruz elaborou uma cartilha de Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19 com o tema Processo

de Luto no Contexto da Covid-19 que, dentre outros pontos, reconhece a necessidade de amparo a familiares e amigos de vítimas do Covid-19

[...] considerando cenários como: falecimento em residência, falecimento em hospitais sem a devida despedida dos mais próximos, falecimento solitário com pouca rede social de apoio, falecimento súbito de pacientes suspeitos de infecção, funerais nos quais não são possíveis o contato do enlutado com o falecido, dentre outros que podem gerar diversas repercussões de ordem psicossocial. (FIOCRUZ, 2020, p.5)

A Fundação apresenta estratégias de suporte e apoio emocional como despedidas remotas, tempo para criar memorial em casa, livro de visitar on-line e criação de uma rede socioafetiva (FIOCRUZ, 2020, p. 6-8), contudo estas não são uma realidade possível e acessível a todos os brasileiros, o que dificulta uma reelaboração de tais vivências, uma vez que “na vivência de muitos enlutados, as cerimônias não realizadas são experimentadas como mais uma perda e mais uma ambiguidade a demandar solução: ‘parece que ainda vai acontecer’, mas já aconteceu” (DANTAS, et. al., 2020, p. 518)

Luto, espiritualidade e religiosidade na perspectiva fenomenologica-existencial

Para o existencialismo, o luto é “uma vivência típica em situações de transformação e mudança abrupta nas formas de se dar do ser em uma relação” (FREITAS, 2013, p.97), ou seja, ao experimentar a ausência de um ente querido, o ser não apenas lida com a perda de alguém, mas com a perda de uma forma de ser-no-mundo, visto que “na base desse ser-no-mundo determinado pelo com, o mundo é sempre o mundo compartilhado com os outros [...] somente num ser-com e para um ser-com é que o outro pode faltar” (HEIDEGGER, 1988, p.170).

Nessa perspectiva, a morte do outro é compreendida a partir da possibilidade da própria morte, visto que “a mesma decisão antecipadora que conduz o Ser-aí a compreender sua finitude leva-o a procurar entender a vivência da morte de outros entes ao seu redor” (SANTOS E SALES, 2011, p.219). Em outras palavras, com a perda de um ente querido, uma forma de ser “eu” diante do “tu” desaparece, “O que falta ao enlutado, mais do que o “tu”, é um modo usual, habitual de ser “eu”, um modo de ser-no-mundo, uma infinidade de significações próprias e inerentes a um campo relacional” (FREITAS, 2013, p.103).

Sobre espiritualidade e religiosidade, se faz necessário compreender estes dois conceitos, para depois explorar a relação com o processo de luto. É importante ressaltar que não existe apenas um entendimento quanto a tais conceitos e, portanto, diferentes autores podem partir de pressupostos distintos para explicação.

Espiritualidade é uma palavra de origem latina, *spiritus*, que significa “sopro” e se refere à “potência de vida que se desenvolve e se expressa ao longo da existência humana” (ESPERANDIO, 2020,p.9). Viktor Frankl, porém se utiliza do termo espiritualidade derivado da língua germânica *geistigkeit* que se refere a “valores e sentidos concretos, o aspecto no qual se reconhece a validade da liberdade, da responsabilidade e da consciência” (NETO, 2013, p. 223). Pode-se dizer que a espiritualidade é “dimensão propriamente humana que se abre para o mundo e a religiosidade como a qualidade do espírito que está em relação com a totalidade, constituindo-se como a palavra dirigida ao absoluto” (NETO,2013, p. 227). A religião e as formas de expressão religiosa são, portanto modos possíveis pelos quais as pessoas vivem sua religiosidade (ESPERANDIO, 200, p.9), sendo, inclusive, os modos mais frequentes na realidade brasileira.

A relação do luto com a espiritualidade e religiosidade, por sua vez, se insere na “relevância do debate em torno do reconhecimento da experiência religiosa como uma manifestação autêntica do existente em seu contínuo diálogo com o mundo” (HOLANDA,2017, p.149). Acolher o fenômeno religioso em suas manifestações no contexto brasileiro, amplia as possibilidades de compreensão das vivências de luto frente à perda de entes queridos.

Concluindo, a espiritualidade e a religiosidade aparecem como meio pelo qual o sujeito enlutado pode encontrar novas possibilidades de sentido à sua vida. Tal caminho passa por valores constituídos em sua história de vida e pela noção de liberdade em dar uma nova resposta ao mundo no qual pode se sentir novamente responsável, após vivenciar o luto em uma dimensão de impossibilidade de ser-no-mundo, poderá atribuir novos significados à sua existência.

Também o conceito de sofrimento auto-transcendente, de Viktor Frankl, discutido em seu livro "Logoterapia e Análise Existencial" remete a algo do fenômeno espiritual que pode ser experimentado em certas vivências, como no luto. Segundo o autor, no

sofrimento auto-transcendente ao enfrentar o sofrimento podemos nos perder nele, mas podemos também transcender nossa própria existência e nos conectamos a algo maior que nós mesmos, seja uma pessoa, uma causa ou até mesmo um Deus. Ao fazer esse movimento de afastamento de nosso ego conseguimos centrar esforços no bem-estar de outros, o que acaba por nos proporcionar um alívio de nossa dor. Para Frankl, a busca por sentido é uma das principais motivações da existência humana e o sofrimento auto-transcendente é uma das formas mais profundas de se encontrar esse sentido. (FRANKL, 2014).

MÉTODO

Tendo em vista que o escopo do projeto é compreender a relação da espiritualidade e religiosidade com a vivência de luto de pessoas que perderam seus entes queridos no período de pandemia da Covid-19, optou-se pela realização de uma pesquisa com cunho qualitativo. Na pesquisa qualitativa “o ambiente natural é fonte direta para coleta de dados, interpretação de fenômenos e atribuição de significados” (PRODANOV E FREITAS, 2013, p. 128). Assim sendo, a proposta da metodologia qualitativa é aplicável em situações onde “Preocupa-se em conhecer a realidade segundo a perspectiva dos sujeitos participantes da pesquisa, sem medir ou utilizar elementos estatísticos para análise dos dados” (ZANELLA, 2013, p.99).

Segundo Creswell (2015) é através da pesquisa qualitativa que se pode dar voz a um grupo de pessoas a fim de extrair informações mais complexas e detalhadas sobre determinada questão, o que é essencial para alcançar o objetivo do presente projeto. A pesquisa qualitativa apresenta um leque de possibilidades dentre as quais foi escolhida a abordagem fenomenológica. Embasado em pressupostos filosóficos de pensadores como Edmund Husserl (1859-1938) e Merleau-Ponty (1908-1961), o estudo fenomenológico busca descrever “o significado comum para vários indivíduos das suas experiências vividas de um conceito ou fenômeno” (CRESWELL, 2015, p.72). Ou seja, a partir de uma coleta de dados busca a descrição das experiências de um grupo de pessoas, a fim de identificar a essência do fenômeno vivido.

Por se tratar de um estudo fenomenológico, é importante que os pesquisadores, tendo experiências pessoais com o fenômeno estudado, apresentem tais dados ao leitor. No caso do presente projeto, foi identificado que as vivências da pesquisadora

em uma congregação religiosa católica por um período de sua vida deveriam ser informadas. Informar os leitores das características dos pesquisadores e pesquisadoras que direcionam seu olhar sobre o objeto de estudo é importante, pois não se acredita em neutralidade científica. Apesar de não serem neutros, os pesquisadores fenomenólogos procuram realizar a suspensão de seus juízos de valor durante o processo de pesquisa.

isso não retira completamente o pesquisador do estudo, mas serve para identificar experiências pessoais com o fenômeno e em parte as deixa de lado de modo que o pesquisador possa focar nas experiências dos participantes do estudo (CRESWELL, 2015, p.74).

Creswell (2015) elenca os principais procedimentos para condução de pesquisa fenomenológica: determinar se o problema de pesquisa é bem examinado com o uso de uma abordagem fenomenológica; identificar o fenômeno de interesse a ser estudado; reconhecer e especificar os pressupostos filosóficos amplos da fenomenologia; coletar dados dos indivíduos que experimentaram o fenômeno; escolher perguntas amplas e gerais; examinar e destacar declarações significativas presentes nos dados coletados; redigir uma descrição do que os participantes experimentaram e escrever uma descrição que apresenta a essência do fenômeno, ou seja, o que há de comum e permanece inalterado nas experiências relatadas.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas individuais, com cinco pessoas que experimentaram o fenômeno e passaram ou estão passando por atendimento psicológico e/ou psiquiátrico. A captação destas pessoas foi através da divulgação de um formulário disponibilizado pela plataforma do *Google Forms* onde as pessoas puderam ler a descrição da pesquisa e se inscrever, com nome e telefone para contato. Os participantes do estudo foram escolhidos por dois critérios citados acima: terem experimentado o fenômeno do luto durante a pandemia de Covid-19 e estarem passando (ou tenham passado) por atendimento psicológico e/ou psiquiátrico. Após a seleção, esses sujeitos foram contatados pelo número de telefone registrado na inscrição e a participação foi efetivada a partir da permissão escrita do(a) voluntário(a).

As entrevistas aconteceram de modo virtual pela plataforma *Google Meet*, sendo que um dos entrevistados optou por entrevista presencial. Foi utilizada a pergunta “Como você ficou sabendo sobre a morte de x?” seguido por um caminho indicado

pela própria pessoa, aprofundando o que foi apresentado. É importante salientar que o foco da entrevista foi uma descrição sequencial temporal dos eventos internos e externos experimentados por cada entrevistado (a). Ao final, foi feita uma última pergunta “Há algo mais sobre a vivência do luto que ache importante e não falamos durante a entrevista?”

Mediante a autorização dos(as) participantes, as entrevistas foram gravadas e transcritas para a realização da análise fenomenológica dos dados e informações. Nessa etapa, foram destacadas “declarações significativas, frases ou citações que oferecem uma compreensão de como os participantes experimentaram o fenômeno” (CRESWELL, 2015, p.76), criando unidades e agrupando-as em doze temas, sendo eles: vacina, política, mudanças significativas no ambiente, acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico, descrição das mudanças de sentimentos ao longo da vivência do luto, outros atravessamentos importantes, o velório, reflexões existenciais, estratégias para lidar com o sofrimento, responsabilização por terceiros, espiritualidade e religiosidade, uso de álcool e outras drogas. A partir dessa sistematização dos dados, foi desenvolvido um grupo de significados e, posteriormente, a descrição textual ou “a descrição do que os participantes experimentaram” (CRESWELL, 2015, p. 76) acompanhada pela descrição estrutural ou “descrição do ambiente ou contexto que influenciou como os participantes experimentaram o fenômeno” (CRESWELL, 2015, p.76).

Por fim, será apresentada uma discussão sobre a essência encontrada mediante o fenômeno do luto, onde buscamos compreender o papel da espiritualidade e religiosidade durante a vivência do fenômeno.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para coleta de dados, foi divulgado um formulário online no qual trinta e sete pessoas se inscreveram como voluntários da pesquisa. Dentre os critérios escolhidos pela metodologia, dezoito não foram convidados para entrevista por não terem passado por atendimento psicológico e/ou psiquiátrico. Um dos inscritos não respondeu ao contato e outra desistiu de participar. Os demais não foram entrevistados pelo fato de relatarem durante o primeiro contato que perderam entes queridos durante a pandemia, mas não diretamente por complicações da Covid-19.

Foram realizadas cinco entrevistas, sendo que apenas um dos participantes optou por ser entrevistado presencialmente. Para análise de dados, os entrevistados serão referidos como participantes A,B,C,D,E mantendo o sigilo quanto às identidades. Apresentaremos agora uma breve descrição de nossos sujeitos de pesquisa.

A participante A tem 37 anos, é solteira, gerente jurídica, possui mestrado completo e perdeu seus pais e um primo. O sujeito B tem 24 anos, é solteiro, cursa psicologia e é estagiário, ele perdeu seu avô. O sujeito C tem 34 anos, é solteiro, inspetor escolar, possui pós graduação e cursa psicologia, perdeu namorada, tio e alguns amigos. O participante D tem 24 anos, é contadora, e perdeu o padrinho. O sujeito E, é funcionário público, ele não forneceu demais dados pessoais, E perdeu o pai. O sujeito E é o único entrevistado conhecido pela pesquisadora, pois participaram de um mesmo grupo de estudos na universidade, mas não possuem ligação próxima.

A respeito dos demais dados apresentados, é importante destacar que os entrevistados são todos moradores da cidade de Belo Horizonte, a maioria é de sexo masculino, estudante de psicologia e que perdeu uma pessoa muito próxima. Dois dos entrevistados choraram em dado momento do relato.

Após a transcrição e leitura das entrevistas fizemos a tematização das mesmas. Encontramos 18 temas, dos quais selecionamos 12 por serem aqueles que mais se aproximam de nossa proposta de pesquisa. Os temas vacina e política apareceram de forma espontânea em todos os relatos. O sujeito C fala sobre vacina, mas não menciona se seus entes estavam vacinados ou não. Apenas o sujeito B relata que seu pai havia tomado duas doses da vacina:

... ele morreu e sofrendo, sabe? Tipo, já num período onde, teoricamente, estava mais tranquilo assim a taxa de contaminação, de morte tinha caído, ele já tinha duas doses das vacinas é,então, acho que no momento, acho que isso não deveria ter acontecido. (SUJEITO B)

Os demais não estavam vacinados por não terem tido a oportunidade, pois ainda não haviam vacinas disponíveis:

É, meus pais morreram por causa de uma vacina que já existe, que já está disponível no mercado, mas por uma falta de proatividade governamental, eles não tiveram condição de tomar. (SUJEITO A)

Para compreender esse dado, é preciso retomar brevemente o contexto pandêmico já citado no início desse estudo, entendendo que, de acordo com dados da

FIOCRUZ (2022), o início da Campanha de Vacinação no Brasil teve início em 17 de janeiro de 2020, ainda com um pequeno número de doses e após alto índice de contaminação registrado sobretudo a partir de junho de 2020 e tendo um ápice de março a junho de 2021 onde foram registrados 3 mil mortes por dia. Segundo a CNN Brasil (2020), até essa data, 56 países já haviam iniciado seu calendário vacinal. Ainda, tais dados estão diretamente ligados ao trato da pandemia pela liderança do país que “minou as capacidades institucionais e a confiança social, tanto por disputas simbólicas quanto por medidas de ação, como a militarização do MS e a inação na compra de vacinas ofertadas pelos produtores.” (FLEURY E FAVA, 2022).

A política aparece não apenas atrelada à vacina, mas também à informações que levaram os familiares a não seguir as recomendações de higiene e isolamento, como relatado pelos entrevistados B, C e E:

minha ex, assim, não vou entrar nessa área política mas ela pegou a ideia do atual presidente de sem máscara sem aquilo [...] ela trabalhava com vendas, tava atendendo clientes sem máscara, eu falei, ó, então assim, a gente vai dar um tempo, depois que eu tomar a dose a gente reúne [...] não deu nem quinze dias eu fiquei sabendo que ela tava no hospital. (SUJEITO C)

Tais atitudes ainda refletem um panorama negacionista do representante do governo federal da época, que muitas vezes usou de discurso religioso para dar veracidade às suas opiniões. O presidente da república à época se apresentava como representante de uma parcela conservadora e religiosa da população, e tinha farto apoio entre os que se declararam evangélicos. Ele, desde o início de sua campanha eleitoral, se utilizou da citação de João 8:32 em suas redes sociais. Na citação do texto bíblico ‘E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará’ o objetivo era legitimar suas ações, decisões e opiniões políticas (LELLIS,2020). Tal postura gerou tensão entre cientistas e autoridades subnacionais em “disputas simbólicas e medidas efetivas de ação e inação do MS, envolvendo, inicialmente, questões relativas à gravidade da enfermidade, ao isolamento e medidas profiláticas, à autoridade sanitária e ao sistema de informações.” (FLEURY E FAVA, 2022). Essa tensão aparece em uma das entrevistas:

essas teorias da conspiração que as pessoas mandam, e tipo eles de família inteira acreditavam, ficava mostrando positivos, minha família acho, sem ser os meus pais, o resto da minha família não estava nem aí

pra covid [...] Por conta dessas coisas a minha família realmente foi, ouviu pastores, ouviu eh políticos e duvidavam de tudo, sabe? Eh queriam mostrar de qualquer forma que não existia, que não ia usar máscara, tal tal tal (SUJEITO E)

O sentimento de revolta e indignação quanto a esse contexto ainda aparecem nos relatos de A e D.

Alguns dos sujeitos relataram mudanças significativas que ocorreram durante a pandemia, antes da perda, como a mudança de psicólogo, o início de um namoro, mudança de casa e comunicação sobre sua sexualidade à família. Quatro entre cinco entrevistados relataram impacto no início do contexto pandêmico. Sujeito B relatou dificuldade com o isolamento e estudos remotos, convergindo com estudos como o de Vieira et al. (2020) que demonstra queda de produtividade em 72,7% dos estudantes entrevistados e aponta que

A passagem abrupta de um estilo de vida com amplo deslocamento e convívio social nos campi e salas de aulas da universidade para uma situação de isolamento social e ampla mudança na rotina de estudos traz consigo também desafios emocionais, os quais interferem diretamente na satisfação com a vida. (VIEIRA et al. 2020)

Sujeito C descreve que a pandemia conseguiu derrubá-lo. Sentimento de choque, desespero e ansiedade é descrito por sujeito D e “surto” por medo de ser transmissor ou de perder alguém querido (sujeito E). De acordo com Figueiredo et al. (2020), citando estudos preliminares, há “prevalência significativa de impacto psicológico/ problemas de saúde mental, como sintomas de ansiedade, stress, depressão, insônia, entre outros” (FIGUEIREDO et al. 2020)

Três dos entrevistados já faziam acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico antes da perda e os outros dois iniciaram durante o processo de elaboração do luto. Vale ressaltar que o paciente E já possuía diagnóstico psiquiátrico de ansiedade, depressão e síndrome do pânico, o paciente C possui TDAH e o sujeito D foi diagnosticado com depressão associado à ansiedade, após a perda, mas compreende que a pandemia foi apenas um ponto chave de algo que já existia:

a psiquiatra diagnosticou com depressão eh associada a ansiedade né? Quando a depressão gera ansiedade. E aí eu fui, peguei, e comecei a ligar os pontos e eu vi que eu sempre tive, né? Sempre tive, aí que eu consegui entender a partir do ponto então onde começou a depressão, mas a pandemia só piorou, a pandemia foi a o o ponto chave pra pra ter esse aumento de ansiedade. (SUJEITO D)

Todos relatam que o acompanhamento ajudou de alguma forma. Três deles fazem uso de medicação e um deles não faz acompanhamento psicológico porque não quer verbalizar a sua perda, mas ao final da entrevista relata que atualmente considera voltar porque reconhece que precisa de ajuda. Lembramos que estar fazendo psicoterapia ou sendo assistido por um psiquiatra foi pré-requisito para que a pessoa pudesse participar da amostra de nossa pesquisa.

Os sujeitos descrevem momentos distintos em sua vivência, onde no primeiro houve tristeza profunda, ficou perdido, não sabia o que estava acontecendo, seguido por um momento de revolta, relacionado à questões políticas já mencionadas (sujeito A); foi relatado sentimento estranho, por não ter conseguido vivenciar o momento devido a atravessamentos, mas a ansiedade apareceu mais tarde (sujeito B); sentimento de frustração, raiva, emoção negativa, uma avalanche (sujeito C); relato de que as coisas perderam o sentido (sujeito D) e sensação terrível, muito mal e não saber lidar de jeito nenhum com a perda (sujeito E). Dois dos entrevistados ainda relatam uma imagem do ente querido na cama do hospital como traumática, que ainda está presente na memória e quatro dizem de uma sensação ou pensamento de que a pessoa não faleceu, sendo que apenas um relata ainda hoje pensar dessa forma.

Foram relatados atravessamentos que dificultaram a vivência e a elaboração da perda. O trabalho foi citado como um dificultador em três entrevistas. O sujeito A nos contar que “foi um momento difícil assim, porque eu também estava passando por uma dificuldade no trabalho, por isso o trabalho estava sendo trocando e tinham tido vendas estava trocando os acionista” (SUJEITO A). Lidar com o luto ao mesmo tempo em que lida com as tensões e adaptações inerentes a uma grande mudança no emprego acabou colocando ainda mais peso em um processo já difícil.

A própria família aparece como um atravessamento em dois dos relatos “Ligamos pra todos os familiares do meu pai e eles apareceram lá, só que a família do meu pai eu não sei parece que não existe sentimento ali” (SUJEITO E). Essa demonstração de frieza, de falta de suporte emocional direcionado ao sujeito, eliciou sentimentos negativos no entrevistado.

A universidade também é colocada como um atravessamento “foi tudo muito estranho e foi no meio dum dum dum período assim tipo um período letivo, eu

trabalho, eu estudo eu estava no nono período sabe? Nem lembro quantas matérias eu tava fazendo” (SUJEITO B). O acúmulo de tarefas diárias, como no caso de B, pode tirar do sujeito o tempo necessário para elaboração da perda. A introspecção fica prejudicada pela pessoa se ver pressionada a direcionar sua energia para consecução de tarefas diárias.

A questão burocrática ligada ao enterro e o pós sepultamento também atravessa os relatos. Os sujeitos A e B não tiveram ajuda para resolvê-la

tinha na verdade sessenta dias para entrar com um inventário então você tem que correr atrás dessa burocracia, nesse momento se percebe que alguma coisa aconteceu assim que não tem muito ninguém pra te ajudar. Meu pai me ajudava muito com essas coisas burocráticas, sabe? E aí então levou um tempo assim. (SUJEITO A)

Sujeito E teve apoio para as demandas no dia do falecimento, mas no dia seguinte já se envolveu com tais questões sozinho. Um dos sujeitos também relata a herança deixada pelo falecido como motivo de conflitos familiares.

O velório foi descrito como um momento não vivenciado bem por conta da correria do dia (sujeito B); como um “baque” por ver o caixão fechado de um ente querido, como um momento que decidiu não participar na outra perda (sujeito C); como a pior parte, visto que entende o velório como o momento de assimilar e entender o que aconteceu, mas não pôde entrar no cemitério e não conseguiu se despedir e finalizar um ciclo (sujeito D); oportunidade de dizer algumas palavras, mas opção por não ver cremar (sujeito E) e um momento de despedida dias após o falecimento, onde jogou as cinzas do corpo no litoral, conforme o desejo da mãe, o que fez com que as coisas se acalmassem (sujeito A).

Uma das formas de compreender os relatos apresentados é retomando o fato de que o fenômeno do luto é experimentado dentro de cenários culturais composto por ritos de passagem (ou ritos fúnebres) que, por sua vez “cumprem o relevante papel de restauração de uma ordem que foi abalada pela morte, com suas dores, temores e perigos” (FREITAS, 2013, p.101). Ainda, cabe dizer que para alguns autores da fenomenologia existencial, como Martin Heidegger, em *Ser e Tempo* (2002) e Jean-Paul Sartre, em *O Ser e o Nada* (1996), o ritual é visto como uma expressão da individualidade e da identidade do indivíduo, que desempenha um papel importante

na estruturação de sua existência e ajudam a construir um sentido de pertencimento e significado na vida.

Foram identificadas também algumas reflexões acerca do luto como algo natural e até como algo que auxilia no processo de amadurecimento das pessoas. Essa elaboração surgiu na fala de quatro entrevistados, mesmo sem os entrevistadores tenham perguntado diretamente sobre essa possibilidade. O sujeito B faz uma relação entre seu luto e a maneira pela qual nossa sociedade lida com o sofrimento dizendo que não se aprende a sustentar o sofrimento em nossa cultura, que a vida é vista de uma forma linear onde é preciso sustentar a felicidade a todo custo. O luto viria então como forma de quebrar vivencialmente esse padrão, provocando uma reorganização da cosmovisão do enlutado.

O sujeito C se pergunta se a vida é isso mesmo, apontando seu desânimo eliciado frente a morte de um ente querido, mas ao mesmo tempo diz reconhecer o valor da vida e ter aprendido a ter mais empatia. A vivência de um sofrimento acaba favorecendo que a pessoa seja mais acolhedora frente ao sofrimento de outros. O logoterapeuta V. Frankl aponta que o sofrimento pode mesmo ter esse papel de favorecer uma postura autotranscendente, através da não paralisação na auto lamentação e do direcionamento de energia e ações em prol de outros que também sofrem.

Ainda, o sujeito E aponta que viveu vários lutos durante o período: a morte do pai, a decepção com a família do pai, o fim do relacionamento, a morte do cachorro e abrir mão do desejo de ser pai. O acúmulo dessas várias vivências de luto acaba por dificultar o processo de elaboração.

As estratégias para lidar com o luto foram distintas: O sujeito B utilizou a escrita de uma carta direcionada a seu ente falecido para auxiliar no processo.

eu gosto muito de cartas eu acho muito interessante o modelo. Nesse dia eu fui escrever uma carta, foi uma forma que eu encontrei de lidar com o que que estava acontecendo comigo ali no momento e até então eu nunca tinha lido essa carta depois dessa terapia agora sei lá, seis meses depois que eu fui olhar pra ela sabe? E aí foi muito bizarro isso, mas foi muito bom pra mim, acho que foi muito terapêutico, e basicamente é isso sei lá foi indo e voltando no tempo (SUJEITO B)

Outras estratégias, citadas por C, foram a realização de leituras, ouvir músicas, tomar café, e praticar exercícios de Mindfulness

Eh a minha vida hoje é focada pra lecionar, ouvir música, tomar café, ler, observar, ouvir. Eu faço também a Mindfulness, meditação. Eu aprendi a fazer muita coisa (SUJEITO C).

Tal fala apresenta o luto de uma perspectiva que traz possibilidade de aprendizagem, visto que, pela perspectiva fenomenológica, o luto pode ser uma oportunidade para desenvolvimento de uma nova compreensão de si e do mundo.

Foi falado sobre atividade física e alimentação “mudar minha alimentação porque o seguinte hoje eu não bebo mais álcool. Não tomo refrigerante [...] Então estou me hidratando, fazendo exercício físico” (SUJEITO C), demonstrando como o luto pode provocar o auto cuidado, contribuindo para um contato mais saudável do sujeito com suas emoções. Por outro lado, o Sujeito E demonstra a dificuldade de entrar em contato com o fenômeno vivido “eu só eh não pensava sobre o assunto, todo mundo me falava que eu não pensar sobre o assunto seria ruim, mas eu pensava olha é a forma que eu consegui lidar hoje, né? Porque se eu pensar, eu não sei o que vai acontecer comigo, eu não sei.” (SUJEITO E) demonstrando que a falta de contato ao mesmo tempo que protege do sofrimento, atrapalha a sua elaboração.

Apenas a meditação aparece em dois dos relatos, uma delas ligada a uma prática religiosa, o silkismo “que é uma religião de origem indiana eh e é uma religião que tem uma disciplina meditativa assim diária. Então isso também é uma coisa que ajuda a manter a estabilidade emocional” (SUJEITO A). Aqui pode-se perceber o coping religioso, ou seja, o sujeito A escolhe utilizar diretamente comportamentos e práticas religiosas como estratégia possível para ajudá-lo a lidar com o luto, colocando tais práticas como uma escolha dentre as opções de enfrentamento do sofrimento.

Em dois relatos aparece a responsabilidade pela mãe como justificativa de não focar em sua experiência para ajudar na elaboração do outro. O sujeito B se viu na responsabilidade de estar bem porque, segundo ele, se não estivesse bem, isto afetaria sua mãe. Também o sujeito E sofria ao ver o sofrimento da mãe e ainda hoje relata a vontade de acabar com a própria vida e aponta a mãe e a religião como causas de não efetuar a passagem ao ato. Para a fenomenologia, o movimento que

esses sujeitos fazem em direção ao outro, pode dizer de uma autotranscendência, conceito elaborado por Viktor Frankl que “denota o fato de que o ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo” (Frankl, 2018, p. 135). Esse cuidar do outro em uma postura não egoísta pode, segundo o autor vienense, auxiliar a pessoa na reconstrução de um sentido para a própria existência.

Quanto à religiosidade e espiritualidade, um entrevistado se declara cético, mas vem de família cristã, há dois católicos, um sikh e um diz acreditar em Deus sem estar atualmente vinculado a uma igreja específica. Esse último relata que cresceu em ambiente cristão e que gosta de pesquisar e saber sobre a bíblia.

O sujeito A aponta como a religião e a prática meditativa diária do sikhismo o ajudou na elaboração da perda, reforçando o que fora dito anteriormente sobre o coping religioso, como uma escolha saudável ante o sofrimento. O sujeito B levantou a reflexão de que, “se a pessoa depois que morre vai para perto de Deus, por que há sofrimento?” que levanta a reflexão sobre o papel da religião que, por um lado pode atribuir sentido ao sofrimento e permitir o fortalecimento de uma conexão com algo maior que si mesmo, mas ao mesmo tempo colocar em xeque suas práticas, visto que o sujeito pode não experimentá-la como opção de conforto e transcendência e sim de questionamentos e negação. Por outro lado, o sujeito D relata que a fé ajudou porque pedia a Deus pela alma do ente querido e pela família que ficou e relata que acredita tudo acontecer no tempo de Deus. Já o sujeito C, entra na pauta religiosa por outro viés, associando sua experiência ao uso de álcool com o demônio, o que nos leva para mais um caminho de discussão, que por sua vez apresenta o caráter moral da religião que tem em seu discurso o que é certo e o que é errado, associando determinadas práticas vistas como positivas, a Deus, e outras vistas como negativas, ao demônio.

Dois entrevistados relatam sobre como a religião atrapalhou a família no processo de perda, pois usavam do discurso religioso para fugir da realidade (sujeito B) e associou a religião com política, visto que a religião influenciou na forma com que a família encarou a pandemia, mas também o relacionamento entre eles, visto que ele entende que sua família se afastou por ser homossexual, se envolver com drogas e ter questões psicológicas (sujeito E).Reforça-se aqui o caráter moral discutido no parágrafo anterior, cabendo enfatizar o papel dúbio da religião que caracteriza a

partir do uso que lhe é atribuído, ou seja, a religião pode ser benéfica se ali o sujeito encontrar significado e propósito, mas também pode ser perigosa e trazer malefícios, se utilizada para justificar a opressão e sofrimento dos outros.

O uso de álcool e drogas apareceram em dois relatos, sendo que em um dos casos o álcool foi a via para preencher o vazio da perda, porém o entrevistado relata que precisou parar por conta dos remédios psiquiátricos:

...ficava com aquele negócio vazio. Aí não tinha preenchimento. Aí, eu bebia, aí eu falei assim, aí nessa época eu bebia, falei assim, aí estava preenchendo com bebida. Aí na hora que eu comecei o tratamento, aí eu cortei tudo. (SUJEITO C)

Em seguida, relata que encontrou outras formas de lidar com a perda, como mudanças de hábitos alimentares, atividades físicas e meditação. Contudo, o outro sujeito passou por um processo onde se envolveu com maconha, Ketamina e passou a usar cocaína, vício que não conseguiu abandonar até então:

Tendo dinheiro eu comecei a a não saber reagir com aquilo mais porque eu estava muito mal muito então eu comecei a fumar maconha todos os dias [...] sofri muito muito muito e aí que eu queria mais ainda fugir da minha realidade [...] só que eu comecei a abusar demais da questão da da maconha e aí descobri uma outra coisa que chama Key [...] todo dia mas chegou um momento que meu estômago voltava voltava e eu estava sentindo dor no estômago [...] sabe depois disso eu parei de usar o Key porque eu estava sentindo muito incômodo só que eu sabia que os meus amigos usavam cocaína e aí usando e falei que um dia eu quis experimentar e no que experimentei continuei experimentando vários e várias vezes [...] eu quero sair dessa e tentei várias vezes meu recorde foi recente dez dias mas eu tento diminuí mais esse aumento de novo, eu tenho muitas dificuldades... (SUJEITO E)

O uso da droga está ligado diretamente com a perda do pai, primeiro para lidar com a perda, depois porque o início do uso só foi possível pelo dinheiro que o pai deixou de herança. Hoje em dia E enfrenta problemas, pois não possui mais dinheiro para sustentar o vício. Segundo Viktor Frankl, em seu livro Logoterapia e Análise Existencial (2012), o uso de drogas pode ser associado à busca por respostas e como forma de escape da realidade, já que oferecem alívio momentâneo do sofrimento e falta de sentido, contudo a dependência impede o indivíduo de encontrar uma resposta mais profunda, de forma consciente e autônoma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa, pode-se concluir que os sujeitos entrevistados produziram significados vivenciais quando diante da morte de seus entes queridos, o que pode ser visto nos temas escolhidos no decorrer da pesquisa, como o aumento do autocuidado, mudança nas práticas do cotidiano, decisão por procurar ajuda profissional, refúgio em álcool e droga e aprofundamento da religião. Durante a produção desses significados, buscaram estratégias como escrita, leitura, meditação, mudanças na alimentação e cuidado com a saúde através de atividades físicas e até mesmo a escolha por não pensar sobre a perda, como forma de não se aproximar do fenômeno, entendendo que isso lhe faria mal.

Ainda, os dados apresentaram um achado importante que não havia sido apresentado na literatura de base para a pesquisa: a dubiedade encontrada frente a religião, ou seja, através dos dados coletados durante a entrevista, percebeu-se a necessidade de apresentar a religião não somente como meio de atribuição de sentido que pode contribuir de forma positiva no enfrentamento do sofrimento, mas também um recurso que, de acordo com seu uso, pode trazer impasses. As contribuições positivas para religião foram a vivência de práticas religiosas como momentos de oração e/ou meditação, a experiência da moral religiosa como fato importante na diferenciação entre o que é certo e errado, permitindo um dos participantes sair do vício das drogas e em outro caso, impedindo o sujeito de cometer auto extermínio, além de proporcionar conforto ao pedir a Deus o cuidado para com a alma do ente querido. As contribuições negativas que encontramos foi a associação da religião com um discurso político opressor e contrário às recomendações de saúde pública e também a religião colocada em questão e negada a partir da perda.

A pesquisa foi realizada com uma pequena amostra, tal realidade impede generalizações. Apesar disso, foi possível identificar algumas particularidades do fenômeno do luto ligado à pandemia do Corona vírus no Brasil, entendido a partir de uma leitura humanista existencial e abrir as discussões para novas pesquisas que abordem a relação da espiritualidade e religiosidade com a vivência do luto, tanto de pessoas que perderam seus entes queridos para a Covid-19, quanto para outras causas.

REFERÊNCIAS

ALVES, José Felipe de Lima. “**Segura na mão de Deus e vai...**”: Etnografia dos Rituais de Despedida na Cultura Fúnebre do Crato-CE/Brasil. 2016. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2016.

AQUINO, Thiago Avellar de. **Espiritualidade e transcendência na perspectiva de Viktor Frankl**. Aufklärung, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/arf/article/view/56740>>. Acesso em: 24 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Painel Coronavírus**. Brasília, 2021. Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br>>. Acesso em: 23 jul.2021.

CODIGO DE ETICA PROFISSIONAL DO PSICOLOGO. Brasília: XIII Plenário do Conselho Federal de Psicologia, 2005. Disponível em <<https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf>>. Acesso em 29 jul.2021.

CNN Brasil. **Quais os países que já começaram a vacinação contra a Covid-19?** CNN Brasil, [2020]. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/quais-os-paises-que-ja-comecaram-a-vacinacao-contr-a-covid-19/>>. Acesso em: 5 dez. 2022.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre as abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

DANTAS, Clarissa de Rosalmeida. et al. **O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia**. Ver. Latinoam. Psicopat. Fund, 2020. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rlpf/a/SgtGR9xSwqBSYjr5Mm3WSwG/?lang=pt>>. Acesso em: 30 jul. 2021.

ESPERANDIO, Mary. **Espiritualidade e saúde: a emergência de um campo de pesquisa interdisciplinar**. Rever, 2020. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/50676>>. Acesso em: 29 jul. 2021.

FIORATTO, E. **COVID-19: balanço de dois anos da pandemia aponta vacinação como prioridade**. Fiocruz Brasília, 2022. Disponível em: <<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/covid-19-balanco-de-dois-anos-da-pandemia-aponta-vacinacao-como-prioridade/>>. Acesso em: 15 out. 2022.

FLEURY, Sonia; FAVA, Virgínia Maria Dalfior. **Vacina contra Covid-19: arena da disputa federativa brasileira**. Ensaio. Saúde Debate. Rio de Janeiro, v.46,n. especial 1, p. 248-164, març 2022. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/sdeb/a/hwxmcr3jKnc3vvrLhXZtYb/?lang=pt>> Acesso em 30 nov. 2022.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Tradução de Walter O. Schlupp e Léo Schlupp. 26ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

FRANKL, Viktor E. **Logoterapia e análise existencial**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. **Luto e fenomenologia**: uma proposta compreensiva. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000100013>. Acesso em: 23 jul. 2021.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 16. ed. rev. Petrópolis: Vozes, 1988.

HOLANDA, Adriano Furtado. **Fenomenologia e psicologia da religião no Brasil**: fundamentos, desafios e perspectivas. Rer. Pistis Prax., Teol. Past., 2017. Disponível em <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/view/7241>>. Acesso em: 30 jul.2021.

LEIA relatos daqueles que perderam pessoas queridas para a Covid. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 18 mar. 2021. atual. 6 abr.2021. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/paineldoleitor/2021/03/leia-relatos-daquelles-que-perderam-pessoas-queridas-para-a-covid.shtml>>. Acesso em 30 jul.2021.

MACHADO, Leandro; IDOETA, Paula Adamo. Brasil duplica armas registradas em um ano, e mortes violentas crescem na pandemia. **BBC**. São Paulo, 15 jul. 2021. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57844477>>. Acesso em 29 jul.2021.

MATHIAS, K. M. A. **O conceito de morte para Martin Heidegger e suas implicações para a compreensão do cuidado na terminalidade da vida**. Estudos de Psicologia (Campinas), v. 33, n. 2, p. 321-332, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/view/3983/pdf>>. Acesso em: 22 nov. 2023.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **“Morte Moderna” e “Morte Contemporânea”**: Formas Distintas e Contemporâneas de Expropriação. Physis: Rev. Saúde Coletiva, 2006. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/physis/a/TNH7QFccVqMKHzHJJPNxSFL/?lang=pt>>. Acesso em: 29 jul.2021.

MENDES, S. S.; PONTES, V. R. P. **O conceito de morte na sociedade contemporânea**: uma análise fenomenológica. Revista Millenium, [S.l.], v. 50, p. 47-63, jul. 2016. ISSN 1645-8652. Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/21117>>. Acesso em: 05 out. 2022. doi: <https://doi.org/10.7458/MILLENIUM50.21117>.

NETO, Valdir Barbosa Lima. **A espiritualidade em logoterapia e análise existencial**: o espírito em uma perspectiva fenomenológica e existencial. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies, 2013. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672013000200010>. Acesso em: 24 jul. 2021.

PROCESSO DE LUTO NO CONTEXTO DA COVID-19. **FIOCRUZ**. Brasília, 2020. Disponível em <<https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Saúde-Mental-e-Atenção-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-processo-de-luto-no-contexto-da-Covid-19.pdf>>. Acesso em 28 jul. 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTOS, Elionésia Marta dos; SALES, Catarina Aparecida. **Familiares enlutados:** compreensão fenomenológica existencial de suas vivências. *Texto Contexto Enferm*, 2011. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/tce/a/kzmC7rz6YcszwCqP5mkgzYy/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 22 jul. 2021.

SARAGIOTTO, Daniela. Mortes no Trânsito: Tráfego brasileiro mata 1 pessoa a cada 15 minutos. **Estadão**. São Paulo, 15 set. 2020. Mobilidade com segurança. Disponível em <<https://mobilidade.estadao.com.br/mobilidade-com-seguranca/mortes-no-transito-brasileiro-mata-1-pessoa-a-cada-15-minutos/>>. Acesso em 29 jul.2021.

VIEIRA, K. M.; POSTIGLIONI, G. F.; DONADUZZI, G.; PORTO, C. DOS S.; KLEIN, L. L. . **Vida de Estudante Durante a Pandemia:** Isolamento Social, Ensino Remoto e Satisfação com a Vida. *EaD em Foco*, v. 10, n. 3, 22 set. 2020. Disponível em <<https://labs.cecierj.edu.br/antesinvasao/eademfoco/index.php/Revista/article/view/1147>>. Acesso em 14 set. 2022.